

Colm - Brasil

POLÍTICA ECONÔMICA

Regras estáveis e educação: receita para competir no mercado mundial

por Cynthia Malta
de São Paulo

Facilitar a importação de alta tecnologia, investir pesadamente em educação, com ênfase no ensino básico, e manter regras estáveis na condução da política econômica. Seguida essa receita — já adotada por países como Taiwan, Coréia do Sul, Cingapura e Malásia, entre outros —, o Brasil terá condições de desenvolver uma indústria competitiva a nível mundial.

A opinião é do professor de Administração de Negócios Internacionais da Universidade de Lausanne, Stéphane Garelli, que participou ontem em São Paulo do seminário Competitiveness in a Global Economy, organizado pela Escola Superior de Propaganda e Marketing. "Nenhum país consegue ser competitivo sem exportar", disse Garelli, referindo-se a algumas empresas brasileiras que optam por exportar apenas quando não conseguem vender no mercado interno.

Mas a base de uma indústria competitiva em termos mundiais é uma sociedade jovem educada e saudável. Não é apenas a educação, mas a educação de qualidade, para não falar de máquinas capazes de produzir e trabalhar. É preciso que a educação seja capaz de preparar o indivíduo para o futuro, para que ele possa lidar com a mudança e a inovação. É preciso que a educação seja capaz de preparar o indivíduo para o futuro, para que ele possa lidar com a mudança e a inovação.

como Estados Unidos, Japão e Sudeste Asiático, entre outras regiões, no cenário do comércio mundial.

Diante desse quadro, qual a melhor opção para o Brasil? Na opinião do professor em Ciências Econômicas pela Universidade de Lausanne, George Taucher, "o futuro do Brasil está no NAFTA (North American Free Trade Agreement). Mas há um problema. A inteligência humana sobre a tecnologia é um recurso escasso. É preciso que a educação seja capaz de preparar o indivíduo para o futuro, para que ele possa lidar com a mudança e a inovação.

praticamente acertada (ver página 2), é a melhor opção para o exportador brasileiro sem vínculos com corporações multinacionais. "Os Estados Unidos estão mais próximos e são o país que mais compra produtos brasileiros", disse, acrescentando que a CEE, como grupo de países, é o principal importador do Brasil, absorvendo praticamente metade de suas exportações. No processo, porém, há um problema. A inteligência humana sobre a tecnologia é um recurso escasso. É preciso que a educação seja capaz de preparar o indivíduo para o futuro, para que ele possa lidar com a mudança e a inovação.

entre o NAFTA e o Mercosul: "Temos em Los Angeles mão-de-obra não treinada e cara que vai perder seu espaço para os trabalhadores mexicanos mais baratos". No caso do Mercosul, o lado mais frágil é dos argentinos, paraguaios e uruguaios.

O professor Taucher cita a questão das normas técnicas e classificação de produtos como exemplo de futuros problemas que os exportadores brasileiros deverão enfrentar no mercado unificado da CEE. É sabido que tais regras devem ser harmonizadas entre os países-membros da CEE, mas "um país sempre pode apelar para a proteção da saúde, por exemplo, para impedir a entrada de um produto". Ele lembrou o caso de uma empresa francesa que tentou exportar licor de cassis para a Alemanha.

A alfândega alemã não permitiu a entrada do cassis, pois o teor de álcool era elevado demais para ser enquadrado na categoria de aperitivo e baixo demais para ser classificado como vinho. "Portanto, as autoridades alemãs concluíram que aquele produto não poderia ser comercializado na Alemanha. É preciso que a educação seja capaz de preparar o indivíduo para o futuro, para que ele possa lidar com a mudança e a inovação.